



Os empresários disseram a Delfim que exportação cresce mas consumo interno cai

# Retomada da indústria virá somente com as exportações

O Governo federal frustrou, ontem, a expectativa de discutir com as empresas do setor eletroeletrônico perspectivas de reativação da economia brasileira, com a reversão do processo inflacionário. O ministro Delfim Netto, reunido com 17 empresários do setor, tratou apenas do incremento das exportações, sem discutir nada sobre o mercado interno em relação a achatamento salarial e inflação.

Sob a coordenação do presidente da Associação dos Exportadores Brasileiros, Laerte Setúbal Filho, os empresários depois da reunião de mais de três horas deixaram o Palácio do Planalto satisfeitos e confiantes em exportar este ano até US\$ 1,15 bilhão, criando cerca de 50 mil empregos diretos.

O ministro do Planejamento reivindicou a cooperação no sentido deles prorrogarem o máximo possível as decisões sobre aumento de preços no mercado interno e, obviamente, obteve a simpatia dos industriais em razão de uma exportação, com isto, passar a ficar mais atrativa. Assim, junto ao Governo foram acertados mecanismos que estimulam as exportações de produtos industrializados, mediante facilidades na área de frete, financiamento e crédito.

Em nome da Associação Brasileira das Indústrias Eletroeletrônicas (Abinee) o Governo ouviu e prometeu solução a reivindicações para maior flexibilidade nas linhas de crédito, no que diz respeito a juros, prazo, garantia e carência, constantes dos pacotes de financiamento e permitir aos exportadores condições para adquirir no mercado local matérias-primas e componentes aos preços de ex-

portação praticados pelos seus fornecedores.

Para tentar exportar US\$ 500 milhões a mais do previsto para 1984 os industriais obtiveram a aquiescência de Delfim Netto para enquadrar nas operações FINEX, de seus produtos e de suas partes e peças exportadas separadamente, em prazos de financiamento compatíveis com as condições de comercialização praticados pelos concorrentes estrangeiros. Da mesma forma, conseguiram a promessa de restabelecimento das exportações em cruzeiros para países limítrofes — como Paraguai e Bolívia — realizadas através das agências credenciadas da CACEX.

Em outra solução que agradou os industriais o Governo garantiu a suspensão da exigência, pela Secretaria da Receita Federal da devolução do crédito-prêmio nas operações de exportação realizadas com países inadimplentes e o fechamento do câmbio nas operações com prazo de pagamento até 180 dias da data de embarque. Finalmente, o ministro do Planejamento prometeu a prorrogação da Resolução nº 68, do CONCEX — encerrado a 31 de dezembro de 83 — que dava garantia de risco cambial constante de cláusula no contrato de financiamento à produção.

“Se os salários continuarem achatados não há saída para o mercado interno. A não ser que a inflação caia”. Com frases como esta o empresário Laerte Setúbal Filho garantiu que a reunião examinou apenas o incremento das exportações, ao contrário da expectativa criada de que seriam debatidos inclusive medidas para possibilitar a retomada do crescimento econômico e a redução do impacto inflacionário.

Entre os presentes estavam empresários como Antônio Cesar Bonamico (Brastemp), Sebastião Juvenal de Fonseca Rosa (Philips), Ricardo Aprá (Andrew Antunes), Carlos Alberto Gravata Galvão (Daruma), Roberto Kaminitz (Douglas), Jacques Glaz (Embracon), Paulo Portocarrero (Ericsson), Nahid Chicani (GeneGeneral Electric), Rodolf Hohn (IBM), Waldecy Gonçalves (IBM), Cícero Alves (Refrigeração Paraná), Ruy de Sales Cunha (Sicon), Ronald Eckmann (Siemens), Pierre Bernasconi (Sprecher e Schuh) e Reinaldo Ramos (TRw), afora a satisfação de terem atendidas reivindicações do setor, vários deles saíram do Planalto com a consciência de que, implicitamente, Delfim Netto assegurou que não há nenhuma expectativa de maxidesvalorização do cruzeiro, pelo menos por enquanto.